

UMA LEITURA SEMÂNTICO-COGNITIVA DAS CONCEPTUALIZAÇÕES DE *TRABALHO* EM ESCRITA JORNALÍSTICA CONTEMPORÂNEA

A SEMANTIC-COGNITIVE READING OF *WORK'S* CONCEPTUALIZATIONS IN CONTEMPORARY WRITTEN JOURNALISM

Eliane Santos Leite da Silva⁴⁰

RESUMO:No presente texto, serão analisadas as formas metafóricas de conceptualização do *trabalho* identificadas na edição de 01-01-2015, do jornal *Folha de São Paulo*. Partiu-se da hipótese de que a análise semântico-cognitiva evidenciaria o caráter experiencialista das formas linguísticas, por meio dos mapeamentos entre os modelos cognitivos idealizados. Como referencial teórico, utilizou-se Lakoff e Johnson (2002 [1980], 1999); Lakoff (1990); Kövecses (2010), dentre outros. Os procedimentos metodológicos seguidos envolveram a leitura da referida edição na sua íntegra, a fim de identificar, contextualmente, ocorrências que apontassem para conceptualizações de *trabalho*, por meio de construções metafóricas ou imago-esquemáticas. Após o levantamento das mesmas, seguiu-se a sua organização pelo modelo cognitivo idealizado predominante, a saber, o da *criação*. As análises empreendidas apontaram para construções metafóricas do tipo TRABALHO É POSTO, TRABALHADORES SÃO PAIS, EMPRESA É ORGANISMO.

PALAVRAS-CHAVE: Conceptualização; Metáfora; Trabalho.

ABSTRACT:In this paper, will be analyzed the metaphoric ways of conceptualizing *work* identified in the edition of 01-01-2015, the newspaper *Folha de São Paulo*. It started from the hypothesis that the semantic-cognitive analysis would demonstrate the character experientialist of linguistic forms, through the mappings between the idealized cognitive models. As reference we used Lakoff e Johnson (2002 [1980], 1999); Lakoff (1990); Kövecses (2010), among others. The followed methodological procedures involved the reading of that issue in its entirety, in order to identify contextually, occurrences that pointed to conceptualizations of *work* through metaphoric or imago-schematic constructions. After lifting the same, followed by your organization cognitive model designed, predominant, namely of the *creation*. The current analysis pointed to metaphoric type buildings WORK IS OFFICE, WORKERS ARE PARENTS, COMPANY IS ORGANISM.

KEYWORDS: Conceptualization; Metaphor; Job.

1 Introdução

Os estudos cognitivistas atinentes às questões linguísticas surgem em meados do século XX, a partir das teorias linguísticas formalistas, de cunho gerativo, que centravam suas análises nas estruturas sintáticas, dando pouca atenção aos fatos semânticos. Já na década de 70, emerge uma proposta de investigação preocupada com o significado e com o funcionamento da linguagem para que, através dele, se compreendessem mais profundamente as estruturas mentais. Em tal ambiência de contestação, teóricos, ainda gerativistas, propõem a então chamada *Semântica Gerativa* que, porém, não contou com muitos avanços. A ênfase no interesse pela inclusão da semântica nos estudos cognitivos tomou corpo através da inauguração da *Linguística Cognitiva*, cujos pesquisadores passam a rever o então programa gerativo chomskiano.

Assim, em finais do século XX, os estudos cognitivistas assumiram o interesse em abordar o significado, partindo da forte dependência entre os conceitos de razão e de corporificação. Este interesse motivou a inauguração da chamada *Semântica Cognitiva*. Mais especificamente, em 1980, os pesquisadores George Lakoff e Mark Johnson publicam a obra *Metáforas da vida cotidiana* (traduzida, em 2002, para o português), na qual sistematizam a

⁴⁰Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura- Universidade Federal da Bahia; Professora do IFBAIANO. E-mail: elianesleite1@hotmail.com.

recente *Teoria da Metáfora Conceptual*, em que discutem o modo como os significados em geral são conceptualizados. Nesse aspecto, as reflexões de Lakoff e Johnson (2002[1980]) ultrapassaram o plano linguístico e advogavam que as metáforas encontram-se tanto no domínio cognitivo (daí o serem chamadas *conceptuais*) quanto no domínio da linguagem, enquanto expressão do pensamento, e, por isso, as *expressões metafóricas*. Nesse sentido, tal abordagem parte da hipótese de que a análise semântica de usos específicos da língua, em uma perspectiva semântico-cognitiva, possibilitará uma melhor compreensão sobre o caráter experiencialista das formas de conceptualização humanas, em geral.

Outra preocupação da então nascente proposta cognitivista repousa sobre a análise de dados linguísticos que correspondam à linguagem em uso. Já que parte-se do pressuposto de que as expressões linguísticas carregam formas subjacentes de conceber o mundo e a realidade, por meio de metáforas conceptuais, nada mais coerente do que recorrer às produções linguísticas que circulam em sociedade, para composição dos *corpora* de pesquisa.

Nesse sentido, a presente proposta de estudo enquadra-se na perspectiva da Semântica Cognitiva, visto que houve o interesse apresentar as formas de conceptualização do *trabalho* recorrentes na linguagem jornalística contemporânea, tendo como corpus um texto jornalístico impresso, a saber, a edição do dia 01 de janeiro de 2015, do jornal *Folha de São Paulo*. Objetiva-se, nesse aspecto, compreender de que forma tais conceptualizações de *trabalho* são evidenciadas na língua portuguesa, no âmbito da documentação selecionada, por meio de construções metafóricas. A fim de alcançar tal objetivo, assumiu-se um olhar qualitativo e descritivo-interpretativo sobre os dados, a partir de um recorte sincrônico.

Para tanto, o presente artigo foi estruturado em três subtópicos, a saber: a *Introdução*, em que se expõe, em linhas gerais, o surgimento da Semântica Cognitiva e suas principais preocupações investigativas, além de situar o estudo então realizado; o segundo subtópico, intitulado *O estudo das conceptualizações metafóricas em Semântica Cognitiva*, em que se apresentam os principais pressupostos teóricos da Semântica Cognitiva; e o terceiro subtópico, *Considerações analíticas sobre as conceptualizações do trabalho*, em que são apresentadas a análise das ocorrências, mediante a discussão a respeito dos processos cognitivos observados nas formas de conceptualização do *trabalho*. Por fim, têm-se as *Considerações Finais*, seguidas das *Referências* então consultadas.

2 O estudo das conceptualizações metafóricas em Semântica Cognitiva

O estudo das formas de compreensão e expressão do mundo, por meio das metáforas, não é um tema atual. Porém, no que tange ao enfoque na metáfora enquanto um fenômeno conceptual pode-se afirmar que é uma preocupação mais contemporânea. A abordagem cognitivista defendida por uma das correntes da Linguística Cognitiva, chamada de Semântica Cognitiva, especialmente inaugurada por Lakoff e Johnson (2002 [1980], 1999), a respeito das questões linguísticas com foco nas formas metafóricas, tem sido considerada uma das maiores contribuições nesse sentido. Tal perspectiva advoga pela relação do homem com sua experiência física e social, mediada pelo corpo. Uma implicação dessa perspectiva é que não mais se pensa na língua apenas enquanto instrumento de comunicação, mas também como atividade social, que envolve não somente os elementos linguisticamente previsíveis, como também os cognitivos (a mente corporificada) e os sociais (a interação com o mundo e com o outro), na construção do conhecimento, não como um sistema fechado em si mesmo.

Sob essa perspectiva, enquanto área de investigação, a Semântica Cognitiva é, por natureza, heterogênea, enfocando uma abordagem filosófica interdisciplinar, a saber, o experiencialismo (perspectiva filosófica então adotada pelos semanticistas cognitivistas, em detrimento do objetivismo), que rejeita a dicotomia objetivista sujeito-objeto que exclui a experiência de mundo do sujeito na construção do conhecimento, pressupondo existência apriorística do objeto, independentemente da interação do sujeito com o mundo, a fim de

reinterpreta-lo e reconstruí-lo (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999). Assim, a perspectiva cognitivista possibilita o entendimento das formas de conceptualização do mundo, por meio de fenômenos como a metáfora conceptual. Estas são entendidas como “significativas porque estão baseadas nos conceitos diretamente significativos e nas correlações de nossa experiência” (CASTILLO, 2008, p.196).

Como um construto cognitivo que possibilita as formas de conceptualização do mundo, as metáforas deixam de ser apenas ornamento para a linguagem, e passam a ser o seu fundamento conceitual. Assim, apresenta uma estrutura interna, na qual o *domínio fonte* (ou *origem*) é o domínio de onde se acessam os conceitos a serem projetados no *domínio alvo* (ou *destino*), que, por sua vez, é o domínio a partir do qual surgem os conceitos novos, fenômeno denominado por Lakoff e Johnson (2002[1980]) como *mapeamento* (ou projeção) *entre domínios*. Assim, tais projeções correspondem a associações, em que um domínio mais familiar ao falante (ou mais concreto) serve de “alicerce” sobre o qual a mente corporificada estabelecerá novos conceitos (ou mais abstratos). A respeito de tais mapeamentos, George Lakoff, em texto de 1990, ilustra como os mesmos se dão através de associações entre domínios distintos da experiência, usando como demonstração a metáfora O AMOR É UMA VIAGEM:

A metáfora pode ser explicada como um mapeamento (no sentido matemático) de um domínio-fonte (neste caso, viagens) para um domínio-alvo (neste caso, o amor). O mapeamento é solidamente estruturado. Existem correspondências ontológicas que determinam quais elementos do domínio do amor (por exemplo, o casal, seus objetivos comuns, suas dificuldades, o relacionamento em si etc.) se correlacionam, de modo sistemático, com quais elementos no domínio da viagem (os viajantes, o veículo, os destinos etc.) [...]. O mapeamento possui ainda correspondências epistêmicas, nas quais o conhecimento sobre viagens é mapeado para o conhecimento sobre o amor. Tais correspondências nos permitem pensar sobre o amor da mesma maneira que pensamos sobre uma viagem [...]. As correlações ontológicas mapeiam esse cenário de viagem (às vezes, chamado de “estrutura do conhecimento” pelas ciências cognitivas) para um cenário correspondente de amor, em que se encontram alternativas correspondentes para as ações. Cria-se, então, o cenário correspondente de amor, fruto da aplicação das correlações ontológicas a essa estrutura de conhecimento. (LAKOFF, 2012 [1990], p.17).

O autor destaca, ainda, que o que constitui a metáfora não é uma expressão linguística específica, pois se a metáfora fosse uma questão somente de linguagem, e não também de pensamento e cognição, cada expressão linguística geraria uma expressão metafórica específica, mas o que ocorre é que uma mesma metáfora pode ser expressa por várias (e na maioria das vezes muito distintas) expressões metafóricas. Essa possibilidade de evocar a mesma metáfora através de expressões metafóricas distintas somente ocorre porque a estrutura do domínio fonte é preservada, no que tange aos seus esquemas de imagem, durante os mapeamentos, no sentido de que:

[...] todas as inferências do domínio-fonte referentes à topologia cognitiva (estrutura do esquema de imagem) serão preservadas no mapeamento. Isso explica o que tem se observado empiricamente em estudos sobre metáforas até agora, ou seja, que a metáfora preserva a estrutura inferencial – pelo menos alguns tipos de estrutura inferencial. Também pode se afirmar, a partir dessa hipótese, que uma grande parte das inferências abstratas – se não todas elas – são versões metafóricas de inferências espaciais inerentes à estrutura topológica dos esquemas de imagem. [...] A Hipótese da Invariância sustenta que, se os conceitos abstratos são entendidos metaforicamente, então as suas representações imagéticas são os esquemas de imagem que foram projetados metaforicamente a partir do domínio-fonte das metáforas. (LAKOFF, 2012[1990], p.24).

Como uma importante implicação deste posicionamento Lakoff pontua ainda que, em consequência dessa forma de compreensão, pode considerar que “O pensamento abstrato é um caso especial de pensamento baseado em imagens [...], o qual se dá através de uma projeção metafórica para um domínio abstrato”. (LAKOFF, 2012[1990], p.36). O que o autor chama de “projeções” são os significados do domínio fonte aplicados a determinados aspectos do domínio alvo que se pretende destacar, no estabelecimento dos sentidos; seriam superimposições conceituais do domínio fonte sobre um domínio alvo. Lakoff (2012 [1990]) ilustra tais projeções pela comparação que se estabelece entre uma ampulheta e o corpo de uma mulher: o aspecto a ser focalizado, a partir de ambas as imagens, a fim de estabelecer as correspondências, será a cintura da mulher em comparação com a parte central do objeto, por ambas serem mais estreitas e possuírem a forma sinuosa. Assim, essa perspectiva imagética da construção do sentido apresenta algumas implicações em relação à Teoria da Metáfora Conceptual, especialmente sobre como os mapeamentos se dão nas metáforas de imagem. Em relação a isto, assim Lakoff se posiciona:

Como funcionam [as metáforas]? O que restringe os mapeamentos? Que tipos de estruturas internas as imagens mentais possuem para permitir que alguns mapeamentos funcionem facilmente, outros, apenas com certo esforço, e outros, ainda, nem funcionem? Qual é a teoria geral que une as metáforas de imagem a todas as metáforas convencionais que mapeiam a estrutura proposicional de um domínio para a estrutura proposicional de um outro domínio? Sugerimos que imagens mentais convencionais são estruturadas por esquemas de imagens, e que as metáforas de imagem preservam a estrutura esquemática da imagem, mapeando as partes em termos das partes e o todo em termos do todo, recipientes em termos de recipientes, caminhos em termos de caminhos, entre outros. A generalização seria a de que todas as metáforas são invariáveis em relação à sua topologia cognitiva, ou seja, cada mapeamento metafórico preserva a estrutura dos esquemas de imagem. (LAKOFF, 2012[1990], p.39).

Lakoff (2012[1990]) destaca, ainda, dois principais problemas que o motivou a considerar, também, as chamadas *metáforas de nível genérico*: primeiramente, a personificação. Ao estudar poemas ingleses, observou que a morte era personificada como agente, somente em contextos específicos (por exemplo, como motoristas, cocheiros, ceifeiros, devoradores etc.) e não em outros. Observou, nesse aspecto, que o aspecto CAUSAL influenciou, diretamente, as formas de mapeamentos entre os domínios fonte e alvo, de modo que somente ocorriam tais mapeamentos com eventos que se assemelhassem com o evento MORTE. Era a “forma de evento” que determinava tais escolhas (LAKOFF, 2012[1990], p.40). Em segundo lugar, analisou os provérbios. Demonstrando a dificuldade para entender alguns deles, utilizou-se, como ilustração, do provérbio asiático “O cego culpa o fosso”. Após realizar o levantamento dos múltiplos mapeamentos que esse provérbio oferece, entendeu tal estrutura como o esquema de nível genérico. Foram as possíveis aplicações das correspondências dentro desse esquema que possibilitaram a compreensão metafórica do provérbio, através das estruturas de nível genérico, de modo a delimitar sua interpretação e aplicação em determinadas situações cotidianas, em detrimento de outras. Desse modo, reconhece a parcialidade dos mapeamentos metafóricos, na medida em que

[...] aquilo que é mapeado preserva a estrutura do esquema de imagem, apesar de nem toda estrutura do esquema de imagem precisar ser mapeada. [...] esse raciocínio abstrato se dá através de mapeamentos metafóricos quando a topologia cognitiva dos esquemas de imagem está preservada no mapeamento, o qual, por sua vez, preserva a estrutura inferencial desses conceitos espaciais. (LAKOFF, 2012[1990], p.43,44).

Dessa forma, entende-se que os conceitos apreendidos pelo ser humano são resultado da sua experiência corpórea e das interações sensoriais do próprio corpo com o mundo e a realidade, sendo a partir desse arcabouço concreto e mental que há a apreensão de novas ideias, pela evocação dos esquemas de imagens. Assim, percebe-se que tanto a construção metafórica quanto a expressão linguística estão atreladas ao contexto cultural, já que a projeção entre domínios ocorre mediante o aproveitamento de conceitos existentes tanto na mente do falante quanto na sociedade, visto que sem essa partilha, seria impossível criar novos domínios. Defende-se, nesse sentido, que quaisquer conceitos são apreendidos pela mente humana através de construções metafóricas:

O que é mais interessante, e que acho mais instigante, é o fato de muitos dos conceitos mais básicos, em termos de semântica, também serem entendidos metaforicamente – conceitos como tempo, quantidade, estado, mudança, ação, causa, propósito, meio, modalidade e até mesmo a ideia de uma categoria. Essas noções entram normalmente nas gramáticas das línguas, e, se são realmente metafóricas por natureza, então a metáfora se torna um elemento central para a gramática. (LAKOFF, 2012[1990], p.21).

Almeida (2009) ilustra tal processo, ao analisar a expressão *João entrou em depressão*, apontando a intrínseca relação de projeção entre domínios:

[...] temos os domínios *lugar* (mais especificamente lugar físico) e *estado* (no caso, a depressão). [...] o *domínio-fonte*, serve de ponto de partida para a metáfora, oferecendo uma espécie de esquema conceptual básico a partir do qual o *domínio-alvo* poderá ser apreendido. Dessa forma, podemos compreender a depressão como (um estado, domínio-alvo) a partir de características tipicamente atribuídas às locações físicas (domínio-fonte). [...] É condição fundamental para a metáfora que o domínio-fonte seja, em algum sentido, mais básico ou familiar que o domínio-alvo, e a familiaridade do domínio-fonte está diretamente associada à sua relação com a experiência corpórea. (ALMEIDA, 2009, p.35).

A partir das diversas experiências corporais e ambientais, se estabelecem as distintas tipologias classificatórias para as metáforas. A mais clássica delas, proposta por Lakoff e Johnson (2002[1980]) levanta três tipos principais, a saber, as *estruturais*, as *orientacionais* e as *ontológicas*. Kövecses (2010), retomando essa taxonomia clássica, aponta quatro principais critérios que possibilitam a identificação de distintas classificações, exatamente a partir das funções das metáforas na geração dos novos sentidos, a saber: a *convencionalidade*, a *função cognitiva*, a *natureza* e o *nível de generalidade*.

A respeito da *convencionalidade*, entende-se que uma metáfora seja convencional quando já está tão arraigada na forma de pensar sobre um domínio abstrato, que as expressões linguísticas não causam mais estranhamento ao próprio falante, identificadas como “[...] expressões bem usadas, formas clichês de falar sobre domínios abstratos”⁴¹ (KÖVECSES, 2010, p.34). Um exemplo apresentado pelo autor é a expressão linguística “Parem o mundo. Quero descer!”⁴², que, sendo uma expressão metafórica não-convencional, ainda assim remete à metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM. Nesse sentido, expressões cotidianas convencionais para expressar a mesma metáfora seriam: *Ela se encontra em uma encruzilhada! Não sei onde vou chegar com esse comportamento*, dentre outras, em que a metáfora em questão emerge com mais fluidez na mente do falante.

⁴¹Tradução nossa do original: “[...] well worn, cliched ways of talking about abstract domains”.

⁴²Tradução nossa do original: “Stop the world! I want to get off”.

Por sua vez, a *função cognitiva* remete às formas que habilitam o falante a reconhecer um conceito seja associando-o com outro ou relacionando-o com suas experiências corporais e espaciais, o que permite estabelecer a seguinte classificação⁴³:

Metáforas Estruturais: ocorrem quando “um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro” (LAKOFF; JOHNSON (2002[1980], p.59). Um exemplo clássico apresentado pelos autores é a metáfora TEMPO É DINHEIRO, revelada por expressões metafóricas como em “Ele está *desperdiçando* meu tempo”, sendo DINHEIRO o domínio-fonte e TEMPO o domínio-alvo, já que ambos compreendem um conceito em termos do outro, remetendo à possibilidade de valoração por sua importância social, por poderem ser perdidos, desperdiçados ou aproveitados. Assim, “o domínio fonte provê uma relativamente rica estrutura de conhecimento para o conceito-alvo [de modo que] a função cognitiva dessa metáfora é habilitar o falante para entender o alvo A através dos significados da estrutura do fonte B”⁴⁴. (KÖVECSES, 2010, p.37).

Metáforas Orientacionais: são aquelas que, segundo Lakoff e Johnson (2002[1980], p.59-60),

organizam todo um sistema de conceitos a partir de outro [...]. Tais orientações metafóricas não são arbitrárias, elas têm uma base na nossa experiência física e cultural. Embora as oposições binárias para cima-para baixo, dentro-fora etc, sejam físicas em sua natureza, as metáforas orientacionais baseadas nelas podem variar de uma cultura para outra.

Tais oposições espaciais são experienciadas pelo ser humano a partir de sua interação com o mundo físico através de seu corpo. Assim como se percebe na metáfora FELIZ É PARA CIMA, que tem sua base física na noção de que a postura ereta corresponde ao estado emocional positivo, em detrimento de “postura caída [que] corresponde à tristeza e depressão”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p. 60).

Metáforas Ontológicas: possibilitam a conceptualização do mundo baseando-se em entidades e substâncias, o que “permite-nos selecionar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de uma espécie uniforme”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.75-76). O exemplo clássico apresentado pelos autores é o caso da metáfora INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, que indica a possibilidade de agir em relação a esta “entidade”, e/ou de interagir com ela, como sugere a expressão metafórica *Precisamos combater a inflação*. Assim sendo, a variedade de experiências cotidianas com objetos físicos amplia as possibilidades de criação de metáforas ontológicas, ao se buscar conceptualizar “eventos, atividades, emoções, ideias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.76), ou outros participantes de um domínio experiencial que sejam menos claramente definidos do que o domínio espacial, por exemplo. Kövecses (2010) relaciona a função cognitiva das metáforas ontológicas a sua possível resignificação através de novas metáforas estruturais, apontando, assim, para uma não delimitação rígida entre os tipos de metáforas:

Dado que experiências não-delineadas recebem um status mais delineado via metáforas ontológicas, falantes podem usar estas metáforas para tarefas mais específicas: (1) para referir, quantificar ou identificar aspectos da experiência que têm sido mais delineados [...] (2) uma vez que nenhuma experiência tem recebido o status de uma ‘coisa’ através de uma metáfora ontológica, a experiência então

⁴³ Optou-se por discutir aqui os tipos clássicos de metáforas apresentados por Lakoff e Johnson (2002 [1980]), embora não se desconheça o fato de que as discussões sobre as metáforas já incluem outras classificações das mesmas, sob outras perspectivas teóricas, dentro da própria Semântica Cognitiva.

⁴⁴ Tradução nossa do original: “The source domain provides a relatively rich knowledge structure for the target concept [...]. The cognitive function of these metaphors is to enable speakers to understand target A by means of the structure of source B”.

conceptualizada pode ser estruturada futuramente pelo significado das metáforas estruturais. (KÖVECSES, 2010, p.39)⁴⁵.

Outro ponto a se destacar é a impossibilidade de determinar de modo preciso e decisivo quantas ou quais metáforas podem surgir em processos semelhantes, já que cada cultura conceptualiza o mundo de forma diferente, o que licencia o sujeito a estabelecer seu processamento linguístico dentro dos limites da coerência comunicativa de sua comunidade, de forma perspectivista.

Ainda retomando a discussão sobre proposta classificatória, proposta por Kövecses (2010), sobre a *natureza* das metáforas, o autor postula que as metáforas, de acordo com sua *natureza* podem ser baseadas em *conhecimento* ou *imagens*. As do primeiro tipo são constituídas por elementos básicos do conhecimento que são mapeados ou projetados entre os domínios fonte e alvo. Já as do segundo tipo, chamadas também *metáforas de esquemas de imagens*, mobilizam os chamados esquemas de imagens. As experiências físicas ocasionam a referência inconsciente aos esquemas de imagens, que, por sua vez, estruturam metaforicamente os conceitos-alvo. O autor aponta que esse tipo de motivação metafórica, por si só, é muito limitado, já que, para um maior aprofundamento na compreensão das metáforas, será necessária uma compreensão sobre o referido nível cultural. Essa co-dependência aponta para o quarto e último critério – o *nível de generalidade* – a partir do qual, as metáforas de nível mais *específico* oferecerão mais detalhes em sua formação estrutural (a exemplo da metáfora A VIDA É UMA VIAGEM), ao contrário das *genéricas*, que dispõem de pouca informação a respeito do significado evocado, como nas metáforas primárias, a exemplo de MAIS É PARA CIMA. Dessa forma, o modelo de classificação das metáforas proposta por Kövecses (2010) pode proporcionar ao analista uma perspectiva mais ampliada de abordagem dos dados, ao assumir outros olhares sobre o processamento metafórico, entendendo-o como um fenômeno que envolve múltiplas nuances.

3 Considerações analíticas sobre as conceptualizações do *trabalho*

Após a apresentação dos pressupostos teóricos aqui adotados, segue-se a socialização da análise realizada no corpus selecionado, totalizando cinco ocorrências. Observou-se que o modelo cognitivo idealizado em que as mesmas se situam, predominantemente, foi o modelo da *criação*.

Conforme já explicitado na *Introdução*, a presente análise debruçou-se sobre uma edição do jornal *Folha de São Paulo*, não usando ferramentas de buscas lexicais, por optar seguir uma proposta de estudo de cunho mais qualitativo. Visto que o critério para identificação das expressões linguísticas que apontassem para a conceptualização de *trabalho* não foi o lexical, mas sim, o contextual, seguiu-se a leitura da edição na íntegra para identificação das mesmas. Após o levantamento das ocorrências, foram selecionadas quatro delas, a fim de oferecer uma amostragem dos procedimentos analíticos então adotados; assim, buscou-se identificar os domínios da experiência evocados, os esquemas imagéticos utilizados, além das formas de construções metafóricas presentes.

Aqui cabe uma observação: mesmo que a expressão metafórica utilizada tenha sido “empregos”, entende-se, de uma forma geral, que a atividade trabalhista se encontra então subentendida. Não foi preocupação, no presente estudo, realizar distinção entre *trabalho* e

⁴⁵Tradução nossa do original: “Given that undelineated experiences receive a more delineated status via ontological metaphors, speakers can use these metaphors for more specific jobs: (1) to refer to, to quantify, or to identify aspects of the experience that has been made more delineated [...] (2) Once a “nothing” experience has received the status of a thing through an ontological metaphor, the experience so conceptualized can be structured further by means of structural metaphor”.

emprego, a partir de implicações ou formalizações legais. Como a busca pelas ocorrências não se deu apenas no nível lexical, foi possível considerar ocorrências como em (1), que se referem às atividades dos trabalhadores, entendidas, portanto, como seu *trabalho*, independentemente de questões legais. Como ficou explicitado no início da presente seção, não se estabeleceram distinções entre as duas expressões.

Seguem-se, nesse íterim, as análises realizadas.

(1) Na economia social e solidária, a propriedade das empresas é *dos trabalhadores que criam empregos* sem depender imediatamente do crescimento das vendas de bens e serviços [...].

(2) A economia solidária nasceu há 170 anos com tecelões ingleses desempregados que, no afã de sobreviverem, *criaram a Cooperativa dos Probos Pioneiros de Rochdale* [...].

(3) Outro pulo do gato da lei francesa é criar a possibilidade de *os trabalhadores assumirem a fábrica ou a empresa* em que estão empregados e que esteja à venda ou em risco de ir à falência [...].

(4) Se os empregadores estiverem cogitando se desfazer da empresa ou encerrar as atividades por algum motivo, os empregados terão a oportunidade de deliberar se desejam *formar uma cooperativa* para *assumir o negócio* no lugar dos atuais donos [...].

(5) Em muitos países, *empresas de médio tamanho que dão lucro fecham quando seu fundador envelhece, adocece, ou se aposenta* e os herdeiros têm outras profissões que não pretendem abandonar. O *fim das atividades dessas empresas* acarreta prejuízos aos trabalhadores – que *ficam sem trabalho* – aos clientes, aos fornecedores, e aos governos, que deixam de receber os impostos (p.A3- artigo de opinião – “O reconhecimento da economia solidária”⁴⁶).

O texto “O reconhecimento da economia solidária”, em que foram localizadas as ocorrências (1), (2), (3), (4) e (5), versa sobre a economia solidária como uma alternativa para diminuição de crises em determinadas empresas que estejam prestes a deixar de funcionar por motivo de aposentadoria ou morte do seu principal dono, ou ainda por outra razão, quando este não tenha sucessores para a administração dos negócios. De acordo com o texto, tal estratégia de desenvolvimento da economia, praticada por países da Europa, especificamente, pela França, destaca o papel ativo do trabalhador para a continuidade das atividades desenvolvidas pelos donos das empresas; dessa forma, para evitar a falência de alguma delas, a opção seria que os próprios trabalhadores assumissem a responsabilidade pelas mesmas, de modo a impedir que fechassem as portas. Seria nesse contexto que o trabalhador atuaria como um agente criador, independentemente de seus superiores; e o trabalho, por sua vez, seria compreendido como resultado da ação criativa daqueles que, outrora, dele dependiam: de empregados, passam a ser os donos da empresa. Tal relação de troca e substituição aponta, ainda, para uma nova forma de abordagem da empresa enquanto mercadoria, já que pode ser negociada, e, conseqüentemente, ter outros proprietários. Nesse sentido, observa-se o que Antunes (2011, p.47) entende por “complexificação da classe trabalhadora” ao discutir as reconfigurações do trabalho na contemporaneidade, a partir das chamadas “metamorfoses” experimentadas pelos trabalhadores.

⁴⁶A notação aqui utilizada para localizar a ocorrência indica, na respectiva ordem: a paginação do jornal, o gênero textual e o título do texto em que ocorreram. Como todas as cinco ocorrências se encontraram no mesmo texto, julgou-se desnecessário indicar, repetidamente, a localização das mesmas, fazendo-o somente na última delas.

Assim, na ocorrência em (1), aventa-se a conceptualização TRABALHADORES SÃO CRIADORES, que, por sua vez, acarreta na evocação, em (2), da metáfora mais geral do modelo cognitivo idealizado TRABALHO É CRIAÇÃO. Percebeu-se, também, nessas ocorrências, uma relação metonímica, do local pela atividade (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980])⁴⁷, já que, inaugurando a “cooperativa”, conseqüentemente, haverá a geração de TRABALHO, metonimicamente inferido enquanto o local de sua realização, apontando para a metonímia conceptual ESPAÇO POR ATIVIDADE, de modo que uma nova forma de economia (“A economia solidária”) resulta da preocupação dos seus agentes criadores, como em (2), os “tecelões ingleses desempregados” que proporcionaram um novo modelo de trabalho à própria classe trabalhadora (uma semente), que possibilitará o nascimento de uma nova forma de economia (um fruto, portanto).

A respeito das cooperativas e do trabalho voluntário, Antunes (2011[1995], p.108) comenta que, originalmente, as mesmas eram “instrumentos de luta operária contra o despotismo do trabalho. Hoje, contrariamente, os capitais vêm criando falsas cooperativas, como forma de precarizar ainda mais os direitos do trabalho”. A criação das cooperativas, nesse aspecto, seria uma reação a essa tentativa de precarização do trabalho, de modo a proporcionar valorização do trabalhador.

Observando a estrutura geral do texto “O reconhecimento da economia solidária”, identificou-se a recorrência de expressões metafóricas relacionadas ao MCI do nascimento e da atividade criadora, através do uso de verbos como em: (2) *A economia solidária nasceu, [...] trabalhadores que criam empregos [...] criaram a Cooperativa*; (3) *Outro pulo do gato da lei francesa é criar a possibilidade*; (4) *terão a oportunidade de deliberar se desejam formar⁴⁸ uma cooperativa*. Assim, percebeu-se, pela evocação da metáfora TRABALHO É CRIAÇÃO, uma metaftonímia⁴⁹, a partir da qual é possível inferir outras construções metafóricas, em que se percebem os seguintes acarretamentos: o ambiente de fecundação seria, como em (1): “*economia social e solidária*”: os fatores externos; “*sem depender imediatamente do crescimento das vendas de bens e serviços*”; em que se percebem as implicações:

TRABALHADOR É CRIADOR → TRABALHO É CRIAÇÃO COOPERATIVA É FRUTO
 TRABALHO PELO LOCAL + TRABALHO É SEMENTE = NOVA ECONOMIA É FRUTO

Essas ocorrências sugerem uma especificidade do processo de criação que não necessita da contrapartida advinda de uma parceria. Essa conceptualização aciona o modelo cultural contemporâneo das gestações independentes, a partir do qual as formas não convencionais de fecundação são, cada vez mais, utilizadas por mulheres com limitações de ordem diversa para terem filhos, apontando para os múltiplos modelos cognitivos de *mãe*, amplamente discutidos por Lakoff (1987). Assim, a não dependência direta de um progenitor conhecido pela mulher, para uma gestação física, projeta-se no domínio da empresa, como em (1): “*crescimento das vendas de bens e serviços [...]*”, ao sugerir uma criação independente,

⁴⁷Lakoff e Johnson (2002[1980], p.91-92) distinguem a metonímia da metáfora (mais especificamente aquelas de tipo ontológico) ao apontar que, no caso desta última, usa-se uma característica humana para compreender determinados conceitos, enquanto que, na primeira, na metonímia, usa-se “uma entidade para referir-se a outra que é relacionada a ela [representando a outra]”. Assim, a metonímia é uma forma de selecionar e/ou destacar determinados aspectos da realidade, a partir da forma como seja conceptualizada. Nesse aspecto, leva-se em conta, igualmente, as contribuições de Barcelona (2012), que distingue a metonímia como fenômeno ativo na conceptualização, indo além de um dos tipos de modelos cognitivos idealizados.

⁴⁸Apesar de mais opaco, o uso do verbo “gerar” alude ao processo geral da criação, enquanto a etapa inicial do mesmo.

⁴⁹Trata-se de um processo de construção conceptual que imbrica a metonímia e a metáfora.

de modo que, a partir do domínio fonte *criação*, entendem-se o agente e o gerador como os *trabalhadores*, e os resultados como os *empregos*. Nesse sentido, os trabalhadores criam, no sentido de uma adoção, em (3) e (5), ao tempo em que criam, no sentido de uma gestação, em (1) e (2)⁵⁰.

Na ocorrência em (3), “Outro pulo do gato da lei francesa é criar a possibilidade de *os trabalhadores assumirem a fábrica ou a empresa* em que estão empregados [...]”, observou-se a conceptualização metonímica de trabalho como POSTO. Ao se associar a empresa/fábrica com as atividades que nela serão desenvolvidas, presume-se que as mesmas atividades serão assumidas pelos novos donos. Pela implicação dessa construção metonímica TRABALHO É POSTO e, considerando que “assumir” um posto, acarreta em tomar para si responsabilidades, percebeu-se a implicação de que o trabalho gera responsabilidade, visto que, se alguém “assume” a empresa, será somente uma consequência responsabilizar-se pelo que advirá dessa ocupação. A utilização da expressão metafórica “*assumirem a fábrica*”, na referida ocorrência, remete ao domínio da experiência relacionado à criação de filhos, em que a expressão cotidiana “assumir o filho” associa-se ao reconhecimento da existência de um vínculo familiar entre os pais e o(s) filho(s) (sejam eles naturais ou adotivos) que precisa ser publicizado, de modo a requerer dos pais uma série de posturas sociais que envolvem provimento material e emocional, o sustento financeiro, dentre muitas outras obrigações legais e sociais atinentes ao amparo físico e psicológico. Do mesmo modo, os trabalhadores que liderassem a fábrica teriam não somente direitos e vantagens sobre ela, enquanto donos, mas também arcariam com as responsabilidades, os deveres e as despesas legais advindas desse posicionamento. Assim, identificou-se a metáfora TRABALHADORES SÃO PAIS, em uma perspectiva metonímica, já que somente uma parte do trabalho é que será assumida, por, igualmente, apenas uma parte dos trabalhadores.

Tal conceptualização, também, foi apreendida da ocorrência em (4) “[...] os empregados terão a oportunidade de deliberar *se desejam formar uma cooperativa para assumir o negócio no lugar dos atuais donos*”, que aponta para a locução cotidiana “formar família”, ainda dentro do MCI da criação. Percebe-se, novamente, que os trabalhadores podem vir a assumir a liderança da empresa, passando a se comprometer como proprietários da mesma. Essa conceptualização aponta para as novas relações do trabalhador com o trabalho, no que tange ao papel ativo por ele assumido no âmbito do processo produtivo (ANTUNES, 2011). Percebe-se, ainda, a evocação de uma base física que destaca a relação entre o status social e o poder, através da metáfora de espacialização BOM É PARA CIMA, de modo que TER CONTROLE É PARA CIMA/POSITIVO (EVANS; GREEN, 2006), o que se percebeu, também, em (4) pela expressão “assumir [...] no lugar dos atuais donos”. Remete-se, aqui, ao posicionamento de Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.63) a respeito desta correlação: “Base física para o bem-estar pessoal: felicidade, saúde, vida e controle – as coisas que especialmente caracterizam o que é bom para uma pessoa – são todas PARA CIMA”. Daí, expressões cotidianas da língua portuguesa como “ser promovido”, “subir de cargo”, “liderar um grupo”, “ascensão na empresa”, remetem ao status positivo, em que alguém está “por cima”, não sendo “rebaixado”, “pisado” por alguém em posição hierárquica “superior”. Tal correlação propõe a metáfora TRABALHAR É ESTAR NO CONTROLE DA EMPRESA, e, em consequência, TRABALHO É CONTROLE, advinda da evocação do esquema de imagem do CONTROLE e CENTRO-PERIFERIA, presumidos pela própria estrutura da cooperativa, que será “assumida” por alguém, por ocupar um lugar central na referida organização. Além desse, percebeu-se o esquemas de LIGAÇÃO, pelo uso do verbo

⁵⁰O aprofundamento nas especificidades dos sentidos evocados pelas construções metafóricas pode conduzir a uma análise do comportamento polissêmico de *trabalho*, a partir de seus múltiplos domínios fontes. Porém, como esse não foi o foco do presente estudo, optou-se por somente sinalizar tais construções, observadas no processo de conceptualização.

destacado na expressão: “*formar* uma cooperativa”, remetendo a um MCI de uma família moderna, em que vários membros convivem e compartilham interesses comuns, ainda que os laços familiares sejam de ordem diversa. No caso da cooperativa, o que ocorre é que trabalhadores com perfis diversos se unem mediante interesses comuns, para atingirem alvos comuns, ainda que não sejam idênticos.

Na ocorrência em (5), “empresas de médio tamanho que dão lucro fecham quando seu fundador envelhece, adocece, ou se aposenta e os herdeiros têm outras profissões que não pretendem abandonar”, inicialmente, percebeu-se a conceptualização dos donos das empresas como mais que seus administradores, ao estabelecerem uma relação de identificação profunda com a mesma, visto que o envelhecimento e conseqüente afastamento do dono da empresa acarretarão no fechamento ou no fim das atividades da mesma, sendo, assim, sua fonte de vida. O uso do verbo “fechar” sugere uma conceptualização metonímica, em que o ato de “fechar a porta”, sugere o fim da atividade: assim como, ao final de um expediente, as portas são fechadas, o seu fechamento permanente demonstra o fim de suas atividades, ou o fim de um ciclo produtivo, semelhante ao que ocorre com os seres vivos. O uso, em seguida, de verbos que apontam para processos que dizem respeito aos seres humanos (“envelhecer”, “adoecer”, “aposentar”), ventila um aspecto cíclico que pode ser, por inferência, atribuído à empresa.

Tal abordagem do conceito de empresa, não só amplia a forma de conceptualização, como também modifica “a forma de [o sujeito] agir sobre ela” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.88), de modo que o comprometimento dos donos da empresa que se encontra em tais condições de risco é bem maior em comparação com outras empresas que não enfrentem semelhantes problemas. Assim, percebeu-se um aspecto metafórico ontológico, que atribui uma personificação⁵¹ às atividades laborais (KÖVECSES, 2010), além de outros acarretamentos metafóricos da conceptualização de trabalho, pelas metáforas EMPRESA É ORGANISMO; FUNCIONAMENTO DA EMPRESA É CORPO HUMANO; EMPRESA É SEU DONO.

Ao considerar-se a situação contemporânea do mundo do trabalho no Brasil, nota-se que a instabilidade no emprego tem acarretado a propagação do sentimento de não-pertença, mediante o fenômeno cunhado como “desemprego estrutural” (ANTUNES, 2011 [1995], p.38), ocasionado pelo aumento de mão de obra que não pode ser absorvida pelo mercado, não mais por um período determinado, mas por um estado social que passou a ser permanente. Em especial, pelo incremento das novas tecnologias nos processos produtivos, antigos postos de trabalho que dependiam da manipulação humana passam a ser substituídos por máquinas, além de muitos setores de prestação de serviços, por exemplo, que já passaram a ser desnecessários, visto que o mundo em rede (CASTELLS, 2000)⁵², fruto das formas das novas tecnologias, também, aplicadas aos meios de comunicação, encurtou distâncias, reduziu gastos e relativizou a dependência da ação humana direta para a consecução de determinadas atividades, como bem pontua Morin (2011, p.234): “O trabalho físico que utiliza a energia humana está diminuindo graças à automatização e à robotização dentro das fábricas. O trabalho industrial também está se reduzindo a favor do desenvolvimento dos serviços e o auge do trabalho informatizado”⁵³. Assim, a sensação de constante não-pertencimento em

⁵¹Lakoff e Johnson (2002 [1980], p.89-91) compreendem a personificação como uma extensão da metáfora ontológica, que oferecem “explicações coerentes” para que se compreenda melhor, principalmente, “entidades não-humanas ao atribuir-lhes qualidades humanas”.

⁵²Vive-se, nesse contexto, o que Castells (2000,p.67) entende como um dos intervalos que pontuam a história humana, e “cuja característica é a transformação de nossa ‘cultura material’ pelos mecanismos de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação”.

⁵³Tradução nossa do original: “El trabajo físico que utiliza la energía humana está disminuyendo gracias a la automatización y a la robotización dentro de las fábricas. El trabajo industrial también se está reduciendo a favor del desarrollo de los servicios y el auge del trabajo informatizado”.

relação ao trabalho é seguida pelo rápido movimento de substituição e “descarte” dos trabalhadores. Bauman (2000) associa esse processo de não identificação com o processo de transição da atividade artesanal para o estabelecimento do processo de produção fabril, em que justamente esse interesse pelas atividades laborais, como algo honroso e que deveria ser o alvo do trabalhador, foi sendo, aos poucos, desgastado pela nova configuração hierárquica nos ambientes das indústrias. Assim, percebe-se como esse entrelaçamento de propósitos afetos ao trabalho modificou a própria relação entre os homens, que a partir de então, reafirmam seus respectivos lugares sociais, através da hierarquização trabalhista. Bauman (2000) defende que tal migração dos processos produtivos acarretou na perda da emoção característica nos processos artesanais, em detrimento do distanciamento ocasionado ao que chama de “racionalidade do mercado”, já que o caráter mais particularizado do mesmo não mais fazia sentido no âmbito da coletividade, o que conduziu à perda de sentido na realização do trabalho:

A solução para o problema foi praticar uma instrução mecânica, a fim de habituar os trabalhadores a obedecer sem pensar, ao tempo em que os privava do orgulho do trabalho bem feito e os obrigava a cumprir tarefas cujo sentido lhes escapava [...]. O novo regime fabril necessitava somente de partes de seres humanos: pequenas engrenagens sem alma integradas a um mecanismo mais complexo [...]. A imposição da ética do trabalho implicava a renúncia à liberdade (BAUMAN, 2000, p.20)⁵⁴.

Dessa forma, ainda, em (5), percebeu-se, por inferência, a conceptualização negativa do trabalho configurada como perda: “[...] O fim das atividades dessas empresas *acarreta prejuízos aos trabalhadores – que ficam sem trabalho*”. Assim identificou-se a implicação de que não ter trabalho é prejudicial, ao evocar o modelo cultural da valorização do trabalho, conforme discutido, anteriormente.

4 Considerações finais

Após a aplicação dos procedimentos analíticos da Semântica Cognitiva como instrumental a fim de observar os fenômenos de conceptualização, mais especificamente, aquelas referentes ao *trabalho*, em textos jornalísticos contemporâneos, acredita-se ter ficado evidente o caráter experientialista subjacente aos fenômenos de conceptualização então identificados.

A fim de viabilizar o exercício hermenêutico aqui proposto foi imprescindível terem sido identificadas as bases metafóricas de *trabalho*, de modo a possibilitar a posterior análise do modelo cognitivo da *criação*.

Acredita-se que o presente estudo constitui-se em um contributo para os estudos em Linguística Cognitiva, na medida em que, ao aplicar seus pressupostos teórico-metodológicos, buscou-se relacionar questões culturais e históricas atinentes ao *trabalho* aos processos de compreensão das construções metafóricas presentes na linguagem em uso.

⁵⁴Tradução nossa do original: “La solución al problema fue la puesta en marcha de una instrucción mecánica dirigida a habituar a los obreros a obedecer sin pensar, al tiempo que se los privaba del orgullo del trabajo bien hecho y se los obligaba a cumplir tareas cuyo sentido se les escapaba. [...] el nuevo régimen fabril necesitaba sólo de partes de seres humanos: pequeños engranajes sin alma integrados a un mecanismo más complejo. [...] La imposición de la ética del trabajo implicaba la renuncia a la libertad”.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. L. de. (et al) (Orgs.) Breve introdução à Linguística Cognitiva. In: ALMEIDA, M. L. L. de. (et al) **Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português**. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p.15-50.
- ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. – São Paulo: Cortez, 2011 [1. ed. 1995].
- BARCELONA, A. La metonímia conceptual. In: IBARRETXE-ANTUÑANO, I.; VALENZUELA, J. (Dir.) **Lingüística Cognitiva**. Barcelona: Anthropos Editorial, 2012. p.123-146.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venancio Majer. Vol1. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- CASTILLO, J. M. del. **La lingüística cognitiva: análisis y revisión**. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2008.
- EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. 2.ed. New York: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G. A hipótese da invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagem? In: SIQUEIRA, M.; OLIVEIRA, A. F. S. de (Orgs.). **Cadernos de Tradução – Linguística Cognitiva**. Tradução: Larissa Brangel; Dalby Dienstbach. Porto Alegre, n. 31, julho, 2012, p. 7-46. [obs- traduzido com a autorização do autor, a partir do texto em inglês LAKOFF, G. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas? In: *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990].
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980. Tradução brasileira: **Metáforas da vida cotidiana**. ZANOTTO, M. S. (coord. de tradução- Grupo GEIM). São Paulo: EDUC/ Mercado de Letras, 2002.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. Chicago: The University Chicago Press, 1999.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- MORIN, E. **La vía para el futuro de la humanidad**. Trad. Núria Petit Fontseré. Barcelona: Paidós, 2011.

Submetido em 14/02/16

Aceito em 23/04/16